



Análise de conteúdo sobre dois discursos-chave do Bolsonarismo: interseções e dissidências com movimentos antecessores

Content analysis of two key speeches of Bolsonaroism: intersections and dissidences with preceding movements

Análisis de contenido sobre dos discursos clave del Bolsonaroismo: intersecciones y disidencias con movimientos anteriores

Sergio Schargel Maia de Menezes [*]

[*] Professor Substituto da Universidade Federal de São João del Rei. Doutorado, mestre em Letras pela PUC-Rio e mestre em Ciência Política pela Unirio. Especialista em Literatura Brasileira pela UERJ. Bacharel em Comunicação Social, Jornalismo (com semestre na Hanze University de Groningen, Países Baixos) e Comunicação Social, Publicidade e Propaganda, ambas pela PUC-Rio, bacharel em Letras pela Estácio de Sá. Contato: sergioschargel_maia@hotmail.com / sergioschargel@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5392-693X>

Resumo: Completando o primeiro mandato, há ampla disponibilidade de materiais discursivos sobre o Bolsonarismo. Entre as diversas opções disponíveis, privilegiou-se, neste trabalho, dois deles: o discurso de abertura da Assembleia Geral da ONU, de 2019, e o discurso de 07 de setembro de 2021, por suas respectivas importâncias. Por meio de análise de conteúdo, a intenção deste trabalho é apreender as principais características que aparecem nesses materiais, tentando compreender, na prática, como o Bolsonarismo enxerga a si próprio, contribuindo para o estado da arte do número crescente de estudos sobre o movimento. Na prática, percebe-se reconstruções discursivas e uma espécie de antropofagia de movimentos anteriores, como o Fascismo e o Integralismo, ainda que com suas idiosincrasias.

Palavras-chave: Bolsonarismo; discurso da ONU de 2019; discurso de 07 de setembro de 2021.

Abstract: At the end of his first term, there are ample availability of discursive materials on Bolsonaroism. Among the many options available, two of them were privileged in this paper: the opening speech of the UN General Assembly, in 2019, and the speech of September 7, 2021, due to their respective importance. Through content analysis, the intention of this work is to apprehend the main characteristics that appear in these materials, trying to understand, in practice, how Bolsonaroism sees itself, contributing to the state of the art of the growing number of studies on the movement. In practice, discursive reconstructions and a kind of anthropophagy of previous movements, such as Fascism and Integralism, are perceived, albeit with their idiosyncrasies.

Keywords: Bolsonaroism; 2019 ONU discourse; 07th September 2021 discourse.

Resumen: Completando el primer mandato, existe una amplia disponibilidad de materiales discursivos sobre el Bolsonarismo. Entre las diversas opciones disponibles, se privilegiaron, en este trabajo, dos de ellos: el discurso de apertura de la Asamblea General de la ONU en 2019 y el discurso del 7 de septiembre de 2021, debido a su importancia respectiva. A través del análisis de contenido, el propósito de este trabajo es comprender las principales características que aparecen en estos materiales, intentando entender, en la práctica, cómo el Bolsonarismo se ve a sí mismo, contribuyendo al estado del arte del creciente número de estudios sobre el movimiento. En la práctica, se observan reconstrucciones discursivas y una especie de antropofagia de movimientos anteriores, como el Fascismo y el Integralismo, aunque con sus propias peculiaridades.

Palabras clave: Bolsonarismo; discurso de la ONU de 2019; discurso del 7 de septiembre de 2021.,

Introdução

“A ideia mais útil aos tiranos é a de Deus”

(Stendhal 2010, 302)

Quase ao fim de seu primeiro quadriênio de governo, muito ainda há para se entender como Jair Bolsonaro, um político mitológico do baixo clero abertamente autoritário e sem qualquer experiência em Executivos, foi eleito ao maior cargo de outrora uma das democracias mais estáveis da América Latina. Bolsonaro — e, por consequência, o Bolsonarismo — é plural. Engana-se quem pensa que o Bolsonaro e o Bolsonarismo são uniformes, uníssonos, unívoco. É um fenômeno complexo de diversas frentes em uma união, sobretudo, inorgânica e em tensão.

O Bolsonarismo congrega diversos submovimentos e ideologias internas, em uma associação desconfortável, mas unida por interesses em comum. Os libertários, por exemplo, veem em Bolsonaro uma figura desagradável a ser suportada em função de medidas pró-mercado; os pentecostais, unidos por uma agenda moralista e messiânica. Claro que mesmo esses grupos são amplos e possuem divergências internas em permanente tensão. O Bolsonarismo é um fenômeno que precede e transcende Bolsonaro. E que, mesmo com a derrota em 2022, durará por muito tempo.

Isso explica em parte a dificuldade do Bolsonarismo se estruturar como um partido definido, para além de um movimento, diferente do que aconteceu com o Fascismo e o PNF ou o Integralismo e o PRP. Uma diferença importante de se considerar, mas não menos importante lembrar que tanto o PNF quanto o PRP só surgiram, em particular no caso do segundo, depois da fundação de seus movimentos, o que exemplifica que uma noção de fascismo não necessariamente

se baseia na ideia de um partido. Por mais plural que esses movimentos também fossem, a institucionalização através de um partido ajudou a congregar esses interesses. Uma dificuldade que Bolsonaro enfrenta, tendo utilizado o Partido Social Liberal (PSL) como uma legenda de aluguel e saído dele assim que começou a enfrentar rugas. Vale lembrar que Bolsonaro ainda tentou a criação de um partido, o Aliança pelo Brasil, que o permitiria concentrar poder e recursos em torno de sua figura, mas fracassou e acabou sendo forçado a entrar, uma vez mais, em uma legenda de aluguel para poder lançar sua candidatura nas eleições de 2022. Bolsonaro, ainda que católico, não hesitou em lançar mão de uma aproximação com setores evangélicos, ciente da força deste eleitorado. Nesse ponto, há interseção entre a retórica neopentecostal e libertária, para citar dois dos grupos que sustentam o Bolsonarismo: a teologia da prosperidade e a criação do mito do *self-made man*. A imagem do empreendedor e do empreendedorismo, o ápice do individualismo liberal, encontra ressonância simbiótica dentro das igrejas evangélicas. Uma ideologia que se mostra útil, com o paralelo crescimento e enfraquecimento respectivamente do neopentecostalismo e do catolicismo.

Nesse contexto, os primeiros anos do governo Bolsonaro foram marcados por constante embate não apenas com as instituições democráticas e a sociedade civil, mas também entre suas facções internas. Elevado ao paroxismo, chegou-se ao ponto de se dividir arbitrariamente o Bolsonarismo em “ala técnica”, os liberais e militares, e “ala ideológica”, os reacionários olavistas e os fundamentalistas cristãos — uma linha que ignora a contaminação e a simbiose entre essas duas “alas”. De forma semelhante, não se pode ignorar as mudanças no discurso, na prática e no contexto interno do Bolsonarismo desde sua eleição. Fatores como a pandemia de COVID-19, a vitória de Joe Biden nos EUA, pressões em âmbito interno e externo influenciaram o movimento em seus processos cíclicos de radicalização, apaziguamento e aparelhamento das instituições. Dito isso, também é pertinente perceber que, na prática, o Bolsonarismo no poder, a despeito dos *checks and balances* democráticos que impedem que suas pretensões autoritárias se concretizem, ao menos por enquanto, mantém a essência do conteúdo presente no *Projeto Fênix* ou mesmo nos antecessores. Semelhante ao que ocorreu com o Integralismo e o Fascismo, que mudaram dentro de si ao mesmo tempo em que mantiveram suas essências.

Nesse sentido, é preciso dizer que se interpreta, para fins deste artigo, o Bolsonarismo como um movimento de matriz fascista, baseado na proposta de Robert Paxton (1998). O autor defende uma espécie de fascismo “interseccional”, como a aparição simultânea de três outros grandes conceitos: reacionarismo, nacionalismo e autoritarismo, junto de outros pontos não incluídos, como base de massas. A manifestação simultânea desses conceitos acende forte aroma de fascismo que,

conforme se pode compreender, não apenas sobreviveu ao fim da Guerra, como é um fenômeno mais comum do que se crê, uma versão distorcida e deformada da democracia de massas.

Logicamente, os contextos no quais surgem movimentos como o Fascismo, o Integralismo e o Bolsonarismo são distintos. Muda-se o tempo, e em um dos casos mesmo a nação. Certas configurações são mais completas, e não é possível esquecer do papel das redes sociais para o Bolsonarismo. Por mais que se possa dizer que seja análogo ao desempenhado pelo rádio no nazifascismo, ainda assim não deixa de ser uma formação distinta e inédita em si.

Pensando nisso, foram escolhidos dois materiais para concluir a discussão sobre o Bolsonarismo: o *Discurso na ONU*, primeiro discurso de abertura de Bolsonaro na ONU, e o *Discurso de 07 de setembro de 2021*, simbólico por marcar o paroxismo do discurso golpista do presidente. Um recorte com discursos de dois momentos, cada um marcante por seu respectivo motivo. O *Discurso na ONU* apresenta ao mundo o que é o Bolsonarismo, enquanto o *Discurso de 07 de setembro* atinge, até agora, o momento mais próximo de uma ruptura institucional. Entre eles, um espaço de dois anos mostra o aumento na virulência autoritária do discurso bolsonarista, que já não demonstra mais a suposta preocupação de agir sob a Constituição, como no *Projeto Fênix*, por mais contraditório que o programa seja.

Bolsonarismo em 2019 e em 2021: choques iniciais e auge das tensões

Tradicionalmente, o Brasil inaugura a Assembleia Geral da ONU, um processo que começou com o então ministro Oswaldo Aranha em 1947. Mantendo a tradição, Bolsonaro foi o primeiro a discursar em 2019, seu primeiro ano de governo, e mostrou para o mundo não apenas o que é o Bolsonarismo, mas também as mudanças que o país sofreu. Um novo Brasil, irreconhecível, distinto de tudo que havia se visto sobre a nação até então. Ou, como o próprio Bolsonaro diz, “um novo Brasil, que ressurgiu depois de estar à beira do socialismo” (Bolsonaro 2019).

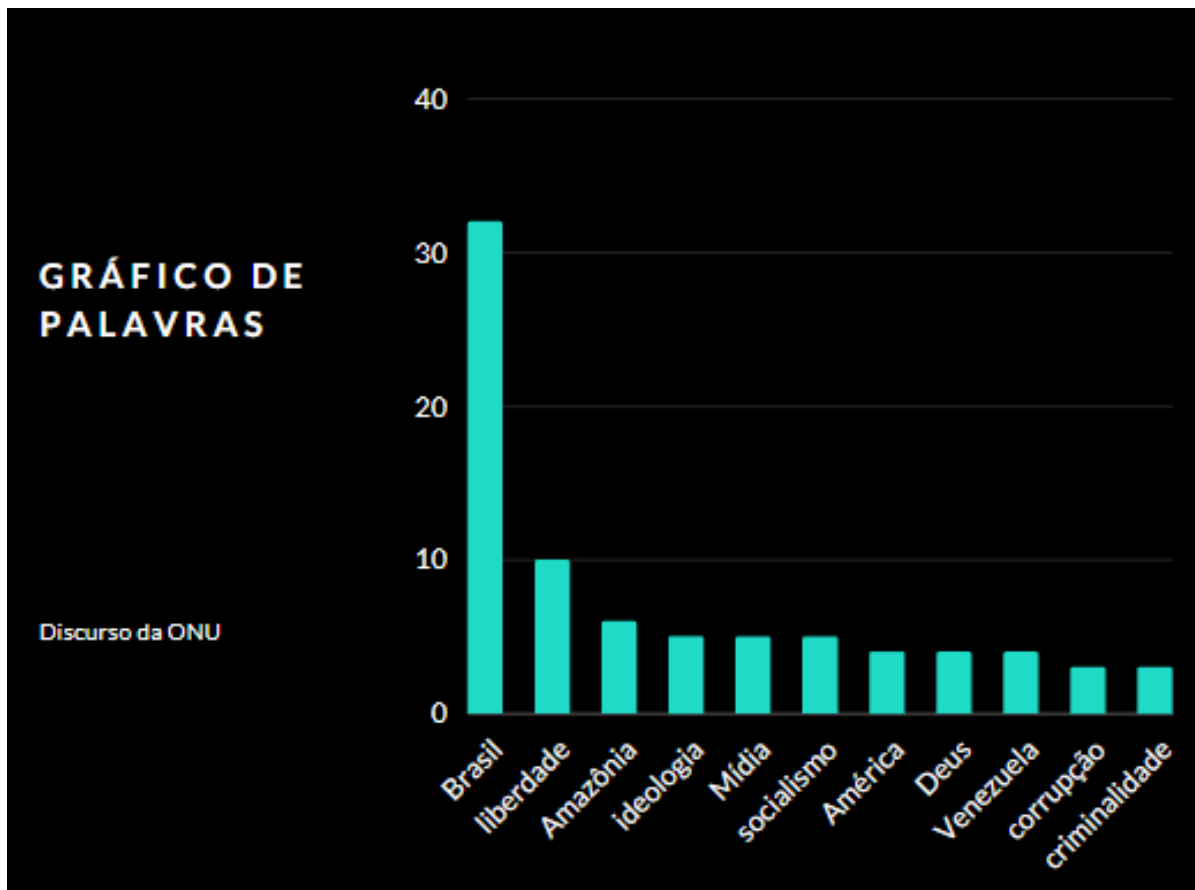
Para começar, o *WordClouds* traçou a seguinte nuvem e gráfico de palavras, resumindo alguns dos traços presentes no *Discurso na ONU*:

Imagem 1 – Nuvem de palavras sobre o discurso da ONU



Fonte: Elaborado pelo autor, baseado no discurso da ONU de Bolsonaro e por meio do software WordClouds.

Imagem 2 – Gráfico de palavras do discurso da ONU



Fonte: Elaborado pelo autor, baseado no discurso da ONU de Bolsonaro e por meio do *software WordClouds*

Na prática, o discurso mais aparenta um discurso de campanha do que a abertura da assembleia mais relevante do planeta. Assim como em seu programa de governo, Bolsonaro não esconde em seu discurso sua oposição binária ao que enxerga como ameaça comunista internacional. Uma ameaça, aqui, representada através de três principais espantalhos: Venezuela e Cuba, no âmbito externo, e o Foro de São Paulo, no interno. Ecoando uma vez mais a retórica de Mussolini (2006), já presente no *Projeto fênix*, Bolsonaro afirma que foi preciso destruir para reconstruir (Bolsonaro 2019). Destruir a dominação comunista internacional e seus tentáculos sobre a nação, para poder renascer com um Brasil “reconstruído a partir dos anseios e dos ideais de seu

povo” (Bolsonaro 2019). Traço que, longe de ser exclusivo de Bolsonaro, é comum ao pensamento reacionário, como sintetizou Ivan Krastev: “Para os reacionários, ‘a única resposta sensata ao apocalipse é provocar outro cataclismo, na esperança de começar tudo de novo”” (Geiselberger 2019, 130).

Aliado ao argumento de Krastev, é preciso chamar atenção para aspecto fundamental do Bolsonarismo. Em verdade, da extrema direita reacionária e do fascismo em geral. Trata-se da utilização de uma espécie de “novilingua”, para utilizar a ideia desenvolvida por George Orwell em seu *1984*. Resumidamente, a modificação da gramática e do léxico de acordo com a necessidade do Messias e do movimento, de acordo com a alteração da realidade que aparecer como necessária. Segundo Federico Finchelstein (2020), o fascismo tem em sua essência primordial a transformação da mentira em padrão de verdade, e a “novilingua” auxilia neste aspecto. Um exemplo é o termo “narrativa”, que para o Bolsonarismo se tornou passível de aplicação para qualquer versão que desafie a sua compreensão de mundo. Outro, “voto auditável”, como se o voto digital não o fosse, e ignorando o secular histórico de fraudes sobre o voto impresso.

Diz Bolsonaro que este novo Brasil, através da diminuição do desemprego e da violência, está se recolocando no cenário global, do qual, em sua visão, se tornou pária. Todavia, as taxas de desemprego atingiram níveis recordes em 2021 (Alvarenga e Silveira, 2021), a quantidade de assassinatos teve crescimento em 2020¹ e o próprio Bolsonaro ficou isolado na reunião do G20 no final de outubro de 2021 (Magenta 2021). Ainda que diga que a nação está reconquistando “a confiança do mundo” (Bolsonaro 2019), o Bolsonarismo criou incidentes diplomáticos com países-chave como a França, os países árabes, a Argentina e a China, além da Venezuela, e se isolou após a derrota de Trump nas eleições de 2020. Uma diplomacia bélica que, acima de tudo, eleva tensões e desconfiança das demais nações.

Outra das preocupações constantes de Bolsonaro, aparece também a sua ideia de que o novo Brasil, ao contrário do país que “esteve muito próximo do socialismo” (Bolsonaro 2019), agora se abre para o mercado. Uma nação desburocratizada, desregulamentada, como diz em suas próprias palavras, disposta ao investimento do capital estrangeiro. Uma nação que superou a “corrupção generalizada” imposta pelo comunismo, além da “grave recessão econômica” (Bolsonaro 2019). Bolsonaro apresenta, na ONU, uma versão idílica de um Brasil impossível que superou completamente crônicos problemas seculares como a violência, a corrupção e a desigualdade. Uma

¹ G1. *Brasil tem aumento de 5% nos assassinatos em 2020, ano marcado pela pandemia do novo coronavírus; alta é puxada pela região Nordeste.* Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2021/02/12/brasil-tem-aumento-de-5percent-nos-assassinatos-em-2020-ano-marcado-pela-pandemia-do-novo-coronavirus-alta-e-puxada-pela-regiao-nordeste.ghtml>. Acesso em: 13 dez. 2021.

versão utópica, ficcional, diametralmente oposta da contraparte real, sem qualquer respaldo em dados.

Nada melhor do que um inimigo ficcional para lutar contra uma nação ficcional, de modo que Bolsonaro gasta parte de seu tempo atacando Cuba e seu suposto nefasto plano de dominação da nação brasileira através de médicos. O Mais Médicos não seria, nesse Brasil paralelo, um programa para suprir a ausência de cobertura da saúde em áreas carentes do Brasil, mas “um verdadeiro trabalho escravo, acreditem...” (Bolsonaro 2019) para disseminar o comunismo nas cinco regiões do país e financiar a ditadura cubana. De acordo com Bolsonaro, a versão brasileira do comunismo, o petismo, importou médicos sem experiência profissional que eram forçados a repassar “75% de seus salários” para o regime cubano (Bolsonaro 2019). Mas Bolsonaro vai além: ataca a ONU na sede da própria ONU, declarando que esse programa criminoso foi respaldado “por entidade de direitos humanos do Brasil e da ONU!” (Bolsonaro 2019). Retomando seu clássico argumento, as ONGs e “entidades de direitos humanos” não funcionam para suprir demandas estatais em áreas em que o Estado falha, mas para disseminar a corrupção e a criminalidade — duas palavras, aliás, entre as que mais são mencionadas.

Ainda em seu primeiro espantalho, anuncia que os planos imperialistas e comunistas de Cuba sobre o Brasil não são inéditos, mas datam desde, pelo menos, os anos 1960. Já naquela época, Havana buscava implantar o comunismo ditatorial não apenas no Brasil, mas em várias nações da América Latina — razão pela qual elas foram forçadas a reagir com ditaduras militares. O mesmo argumento que aparece no *Projeto fênix*, em Ernesto Araújo (2017) ou Sérgio de Avellar Coutinho (2002), portanto: é preciso uma ditadura do real, a barbárie e o autoritarismo do real, para impedir uma suposta ditadura do reino da possibilidade. Para lutar contra a violência da paranoia, justifica-se a violência comprovada pela História: “Foram derrotados! Civis e militares brasileiros foram mortos e outros tantos tiveram suas reputações destruídas, mas vencemos aquela guerra e resguardamos nossa liberdade” (Bolsonaro 2019).

Após destilar seus ataques a Cuba, Bolsonaro se dedica a outro espantalho: a Venezuela. Sem citar as fontes dos dados que apresenta, anuncia que há “60 mil” (Bolsonaro 2019) agentes cubanos infiltrados no regime de Nicolás Maduro. Esses agentes aparelharam o Estado de forma que controlam “todas” as áreas, da política à economia, sem espaço à sociedade civil (Bolsonaro 2019). Cuba, em seu imperialismo comunista, planejava fazer o mesmo no Brasil. Mas “foram derrotados!” a tempo (Bolsonaro 2019). As Forças Armadas, em 1964, e a reação Bolsonarista, em 2018, foram capazes de evitar que o país se transformasse em uma nova Venezuela, “outrora um país pujante e democrático, hoje experimenta a crueldade do socialismo” (Bolsonaro 2019). Uma

crueledade e violência que, para Bolsonaro, respinga no Brasil, conforme a imigração maciça se dissemina pelo país. Como humanitário, Bolsonaro destaca a “Operação Acolhida”, apropriada para receber bem, acolher e absorver para solo brasileiro os “nossos irmãos” venezuelanos que escapam da crueldade do comunismo (Bolsonaro 2019).

Reeditando os enunciados de Coutinho (2002), Bolsonaro esboça tentativa de sarcasmo ao destilar que “O socialismo está dando certo na Venezuela!”. No melhor da retórica da perversidade, o socialismo/comunismo, ao buscar a igualdade, termina por socializar a pobreza, “Todos estão pobres e sem liberdade” (Bolsonaro 2019). Para o Bolsonarismo, a busca utópica por igualdade do comunismo acaba por ter efeito perverso, para retomar a tipologia do discurso reacionário de Hirschman (2019), e produzir o contrário do que se desejava. Naturalmente, a retórica da ameaça também se faz presente, conforme o comunismo internacional em sua nova vertente gramscista-bolivariana ameaça os valores nacionais como a família e a religião. Valores que são postos como uma tradição nacional a ser resgatada da degeneração comunista. A nação e a religião, elas em si, formam a nação (Bolsonaro 2019).

Entra em cena o terceiro espantalho, agora interno: o Foro de São Paulo. Como também aparece em seu programa, o seminário de integração política e econômica das esquerdas latino-americanas é demonizado e tratado como uma conspiração para implementar uma versão equivalente ao mito da URSAL, uma grande república comunista latino-americana. O Foro é pintado como uma “organização criminosa criada em 1990 por Fidel Castro, Lula e Hugo Chávez para difundir e implementar o socialismo na América Latina, ainda continua vivo e tem que ser combatido” (Bolsonaro 2019). Como diz em suas próprias palavras, o seu movimento, em conluio com os EUA, trabalha para que esse “nefasto regime” não espalhe o seu veneno pelos demais países da região e, para que a “democracia seja restabelecida na Venezuela” (Bolsonaro 2019). É sintomático e revelador das preocupações bolsonaristas que “Venezuela” seja um dos vocábulos mais empregados.

Bolsonaro é enfático ao jurar que o Brasil está se afastando das *ditaduras comunistas* para se lançar no rol das nações democráticas e, principalmente, liberais. Dessa forma, não apenas rejeita diálogos com nações como Venezuela e Cuba, mas também se aproxima dos Estados Unidos. Bolsonaro enxerga na subserviência que assumiu frente aos Estados Unidos uma forma de “busca de prosperidade” e, ricocheteando os escritos da Escola de Chicago e da Áustria, chega a dizer que não há liberdade política sem liberdade econômica (Bolsonaro 2019). Bolsonaro atualiza os argumentos de Hayek (2010) ao sugerir que suas medidas liberalizantes na economia e o livre mercado em si são ferramentas para fortalecer a democracia brasileira e que qualquer intervenção

caminha para o “totalitarismo” (Bolsonaro 2019). A interferência estatal sobre a economia gera “aparelhamento do Estado e corrupção generalizada” (Bolsonaro 2019). As medidas liberais reagem contra as “quase duas décadas de irresponsabilidade fiscal” (Bolsonaro 2019).

Essa abertura ao capital estrangeiro, aliado às medidas liberais, exemplifica o desejo bolsonarista de integrar outros órgãos, em particular a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Com isso em mente, Bolsonaro se adianta e se defende das acusações de que seu governo promoveria o desmatamento, acusando a mídia de *fake news*. Apesar do desmatamento na Amazônia ter tido em 2021 a pior taxa em 15 anos e a mineração ilegal se expandir a ponto de ameaçar o povo Ianomâmi de genocídio (Garcia e Gonçalves 2021), Bolsonaro afirma, no discurso de 2019, que seu “governo tem um compromisso solene com a preservação do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável em benefício do Brasil e do mundo” (Bolsonaro 2019). As queimadas daquele ano geraram repercussões midiáticas globais, a ponto de criar um desconforto diplomático entre Brasil e França, intensificado após declarações de Bolsonaro e Paulo Guedes atacando a aparência física da primeira-dama francesa². Entretanto, no discurso bolsonarista, as queimadas teriam sido favorecidas pelo clima seco, a época do ano, os ventos e até mesmo “queimadas praticadas por índios e populações locais, como parte de sua respectiva cultura e forma de sobrevivência” (Bolsonaro 2019).

A mídia internacional, para Bolsonaro, deturparia dados e informações sobre os reais causadores do desmatamento e das queimadas, com a intenção de atacar seu governo e a nação. Um ataque que gerou uma natural reação por parte do Brasil, do qual se depreende os impasses diplomáticos e as ofensas à aparência física da primeira-dama francesa, afinal, ao atacar o Brasil, as demais nações e a imprensa “despertaram nosso sentimento patriótico” (Bolsonaro 2019). Contradizendo o início de seu próprio discurso, o qual apela para uma nova diplomacia, esta passagem é um dos muitos exemplos do estilo de diplomacia bélica adotado pelo Bolsonarismo, impulsivo, virulento, vulgar, sem pretensão ao decoro. As críticas da França à política ambiental brasileira seriam, então, uma ferramenta imperialista, dado que “Valendo-se dessas falácias, um ou outro país, em vez de ajudar, embarcou nas mentiras da mídia e se portou de forma desrespeitosa, com espírito colonialista” (Bolsonaro 2019).

Bolsonaro prossegue ressaltando que a Amazônia não é um patrimônio da humanidade, mas sim um patrimônio brasileiro. Os discursos que ressaltam sua importância à humanidade, como “pulmão do mundo”, são falaciosos. Estando dentro dos limites brasileiros, a floresta seria de

² UOL. *Após Bolsonaro, Guedes também ofende Brigitte Macron: “é feia mesmo”*. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/05/apos-bolsonaro-guedes-tambem-ofende-brigitte-macron-e-feia-mesmo.htm>. Acesso em: 14 dez. 2021.

legislação exclusivamente brasileira. E, qualquer questionamento a isso ataca diretamente a soberania nacional; ao que os brasileiros devem agradecer ao presidente Trump por se opor a sanções contra o Brasil por sua política ambiental, e “sintetizou o espírito que deve reinar entre os países da ONU: respeito à liberdade e à soberania de cada um de nós” (Bolsonaro 2019). Uma vez mais, apropriando-se do conceito de liberdade — uma das palavras mais comuns em seu discurso —, Bolsonaro fala, na prática, de uma liberdade irrestrita para atuar como bem desejar, no melhor de seus preceitos autoritários. No paroxismo do oximoro, o conceito de liberdade é capturado e corrompido para servir a preceitos autoritários, justificando que qualquer tentativa de controle a esse autoritarismo seria um ataque à liberdade.

Seguindo, destaca parcela de seu discurso para se defender das acusações midiáticas em outra frente: a questão indígena. A partir dela, reitera sua visão de que os povos indígenas “são seres humanos, exatamente como qualquer um de nós” (Bolsonaro 2019) e, por isso, é preciso que eles sejam integrados na “civilização brasileira”, e não mais deslocados em reservas. Uma noção de que culturas diversas devem ser integradas, ainda que no processo sejam diluídas, em vez de permanecer à margem; e, um discurso que não falha em encontrar proximidade com o que Michel Foucault (1979, 272) diz sobre os judeus, incômodos históricos, dado que “são ricos e depois porque eles se casam entre si e têm práticas sexuais e religiosas completamente aberrantes; portanto, são eles os portadores da degenerescência em nossas sociedades”. Ressalta-se que a locução óbvia de Bolsonaro, “os indígenas são seres humanos como nós”, em outro de seus oximoros, evidencia seu etnocentrismo ao destacar que, justamente por serem seres humanos, precisam compartilhar da cultura da *civilização*.

É preciso tomar a terra dos indígenas, uma demarcação que atrapalha no desenvolvimento nacional. Como fazer isso? Integrando-os à *civilização*, ainda que a esquerda teime “em tratar e manter nossos índios como verdadeiros homens das cavernas”. Para endossar esse discurso, Bolsonaro trouxe em sua comitiva a *youtuber* indígena bolsonarista Ysani Kalapalo, que se diz “indígena do século XXI” e corrobora com a ideia de que os povos nativos devem ser *integrados*³. Bolsonaro reforça, então, que em seu governo não vai se ampliar a área demarcada — e deixa claro que se dependesse dele, essa área diminuiria (Bolsonaro 2019). Ademais, lideranças da comunidade que se colocam contra essas propostas não são mais do que “peça de manobra” de potências imperialistas estrangeiras, de olho nas riquezas do território nacional, em particular da Amazônia.

³ Magri, Diogo. Ysani Kalapalo, a *youtuber* indígena que Bolsonaro exibiu na ONU. *El País*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/24/politica/1569341524_455504.html. Acesso em: 14 dez. 2021.

O elo entre a questão indígena e ambiental se faz claro: a ideia de que potências estrangeiras imperialistas estão ávidas por se apropriar das riquezas materiais do solo brasileiro (Bolsonaro 2019). Para isso, como já tinha deixado claro no *Projeto fênix* e o que Coutinho e Araújo já haviam trazido, as ONGs atuam como ponta de lança nesse processo de corrupção. Ou seja, os povos nativos não necessitam de toda a terra que já possuem, tanto mais por ser uma região rica que pode servir aos interesses da nação. Em outro de seus paradoxos, apesar de repetir diversas vezes o interesse comunista em dinheiro e corrupção, atribui aos comunistas a demarcação e proteção das terras que deveriam ser exploradas. Uma inversão que atribui ao adversário a tentativa de explorar a terra, ainda que ele próprio assuma explicitamente seu desejo em explorá-la. Na prática, Bolsonaro faz pouco esforço para esconder suas pretensões em relação ao garimpo ou à exploração, ao destacar que:

O índio não quer ser latifundiário pobre em cima de terras ricas. Especialmente das terras mais ricas do mundo. [...] Nessas reservas, existe grande abundância de ouro, diamante, urânio, nióbio e terras raras, entre outros. E esses territórios são enormes. A reserva Ianomâmi, sozinha, conta com aproximadamente 95 mil km², o equivalente ao tamanho de Portugal ou da Hungria, embora apenas 15 mil índios vivam nessa área. Isso demonstra que os que nos atacam não estão preocupados com o ser humano índio, mas sim com as riquezas minerais e a biodiversidade existentes nessas áreas. (Bolsonaro 2019).

Mas os perversos comunistas não se contentaram apenas em explorar o meio ambiente e os indígenas. Sua corrupção maligna atingiu todas as esferas. Seu aparelhamento do Estado e autoritarismo não encontrou limites na tentativa gramscista de atuar sobre todas as trincheiras. Para isso, esses malignos “presidentes socialistas” investiram “centenas de bilhões de dólares” na compra de “parte da mídia e do parlamento, tudo por um projeto de poder absoluto” (Bolsonaro 2019). O invisível inimigo comunista, ao mesmo tempo, como lembra João Cezar de Castro Rocha (2021), tão eficaz e tão ineficiente, em outro dos inúmeros paradoxos do discurso bolsonarista. Eficiente por nunca desaparecer, estar sempre à espreita, onipresente, onisciente, onipotente, dominando todas as esferas sociais, políticas e econômicas em seu projeto nefasto de totalitarismo, “de poder absoluto” — não apenas nacional, mas continental, já que eles possuíam “finalidade de promover e implementar projetos semelhantes em toda a região” (Bolsonaro 2019). Ainda assim, é preciso ressaltar o fracasso retumbante deste projeto de poder, tão poderoso, mas ainda tão incapaz de chegar ao poder de fato com suas ininterruptas derrotas desde 1935. Os comunistas sempre esbarram em alguma barreira. No caso do Bolsonarismo, a barreira foi Sérgio Moro, que puniu e julgou os comunistas graças ao seu “patriotismo, perseverança e coragem” e se tornou “símbolo” no país (Bolsonaro 2019).

Outro ponto a destacar no imaginário bolsonarista que aparece neste discurso e que também apareceu em Coutinho (2002) e Araújo (2017), é a “cristofobia”. Uma narrativa que sugere que cristãos no Brasil, ainda que esta seja a religião hegemônica e englobe mais de 81% da população⁴, sofreria perseguição. Não de outras religiões, mas do comunismo internacional ateu. Nesta realidade paralela, os cristãos não teriam liberdade de crença. Chega ao ponto de Bolsonaro colocar “a perseguição religiosa” como um dos principais problemas enfrentados pelo Brasil, ao mesmo tempo em que ignora a perseguição sobre religiões de matriz africana. Revelando seu fundamentalismo, Deus aparece como um dos termos mais comuns.

Isso se dá, diz Bolsonaro, pela influência sinistra da “ideologia” (Bolsonaro 2019) — um dos vocábulos mais empregados. Sem qualquer preocupação ou profundidade sobre o conceito, o presidente brasileiro aplica outra de suas unilateralidades maniqueístas: apenas o lado oposto seria ideológico, ao passo que o Bolsonarismo seria inquestionável. Aponta o dedo utilizando o vocábulo “ideologia” como se fosse um xingamento, sugerindo que não há ideologia em seu governo e que ele foi responsável por “afastar do Mercosul a ideologia” (Bolsonaro 2019). Uma ideologia corrupta, violenta, que deixou um país destroçado e que Bolsonaro não vem economizando esforços para reerguer:

Durante as últimas décadas, nos deixamos seduzir, sem perceber, por sistemas ideológicos de pensamento que não buscavam a verdade, mas o poder absoluto. A ideologia se instalou no terreno da cultura, da educação e da mídia, dominando meios de comunicação, universidades e escolas. A ideologia invadiu nossos lares para investir contra a célula mater de qualquer sociedade saudável, a família. Tentam ainda destruir a inocência de nossas crianças, pervertendo até mesmo sua identidade mais básica e elementar, a biológica. O politicamente correto passou a dominar o debate público para expulsar a racionalidade e substituí-la pela manipulação, pela repetição de clichês e pelas palavras de ordem. A ideologia invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus e a dignidade com que Ele nos revestiu. E, com esses métodos, essa ideologia sempre deixou um rastro de morte, ignorância e miséria por onde passou. Sou prova viva disso. Fui covardemente esfaqueado por um militante de esquerda e só sobrevivi por um milagre de Deus. Mais uma vez agradeço a Deus pela minha vida. (Bolsonaro 2019).

É preciso chamar a atenção para o emprego da expressão “não buscavam a verdade” (Bolsonaro 2019), que reforça o seu versículo de cabeceira, “E conheceis a verdade, e a verdade vos libertará” (Bolsonaro 2019). Um versículo que, contextualizado para o movimento, explicita o seu autoritarismo. Isto é, que a esquerda contaminou toda a esfera privada e pública com a sua ideologia e que é preciso libertar a nação através da verdade, que reside no Messias e em seu movimento. O

⁴ G1. *50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha*. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 14 dez. 2021.

Messias reconstruirá o Brasil, e acabará com a ideologização de esferas como a educação e a cultura. Ele, afinal, sobreviveu a um atentado, uma prova de que é um escolhido por Deus.

Por fim, Bolsonaro conclui seu discurso em consonância com as ideias apresentadas por Araújo (2017) contra o “globalismo”. A ONU não deve ser uma organização internacionalista, como o comunismo, mas uma entidade que promove o “pan-nacionalismo”. Para isso, acima de tudo, deve se colocar como uma organização contra o inimigo global: o comunismo e sua *ideologia*: “Todos os nossos instrumentos, nacionais e internacionais, devem estar direcionados, em última instância, para esse objetivo” (Bolsonaro 2019). O princípio da nação é fundamental, não só para esse novo Brasil, mas para o futuro da ONU em si.

Através da discussão sobre o discurso, foram identificadas as seguintes características, sistematizadas na tabela abaixo:

Tabela 1 - Tabela de características do discurso da ONU

Discurso da ONU	
<i>Conceito</i>	Característica
<i>Autoritarismo</i>	Anticomunismo paranoico Intransigência frente às demais ideologias Transforma em “esquerdista” virtualmente qualquer possível opositor Em inversão e retórica repleta de oximoros, acusa seus adversários de aplicar exatamente o que ele aplica Inimigos objetivos desumanizados A mídia é sensacionalista e promove notícias falsas Messianismo: o Messias é o único capaz de salvar a nação do comunismo Conspiracionismo paranoico Apresenta um Brasil ficcional que superou completamente problemas crônicos Maniqueísmo Diplomacia bélica Mentira como padrão de verdade As ditaduras latino-americanas foram reações necessárias Belicismo Apenas o lado oposto seria ideológico, enquanto o seu movimento se torna razão do mundo e único caminho viável
<i>Fundamentalismo cristão</i>	“Cristofobia” Escolhido por Deus para devolver a nação à grandeza
<i>Liberalismo</i>	O Brasil se abriu para o capital estrangeiro Defesa do <i>laissez faire</i>

<i>Libertarianismo</i>	Interferência econômica gera interferência política Defesa de privatizações e austeridade, “responsabilidade fiscal” Interferência estatal na economia gera aparelhamento e corrupção estatal
<i>Nacionalismo</i>	“Pan-nacionalismo” “Luta de nações” Contra o “globalismo”
<i>Racismo</i>	Etnocentrismo: os indígenas devem ser integrados
<i>Reacionarismo</i>	Retórica da perversidade: o comunismo tem efeito contrário e “socializa a pobreza” Retórica da ameaça: o comunismo ameaça os valores e as conquistas do passado É preciso destruir para reconstruir Culto aos “valores familiares e religiosos que formam nossas tradições” (BOLSONARO, 2019) “Célula mater de qualquer sociedade saudável, a família” A nação estava degenerada, à beira do abismo do comunismo

Fonte: Elaborado pelo autor, com base no discurso da ONU.

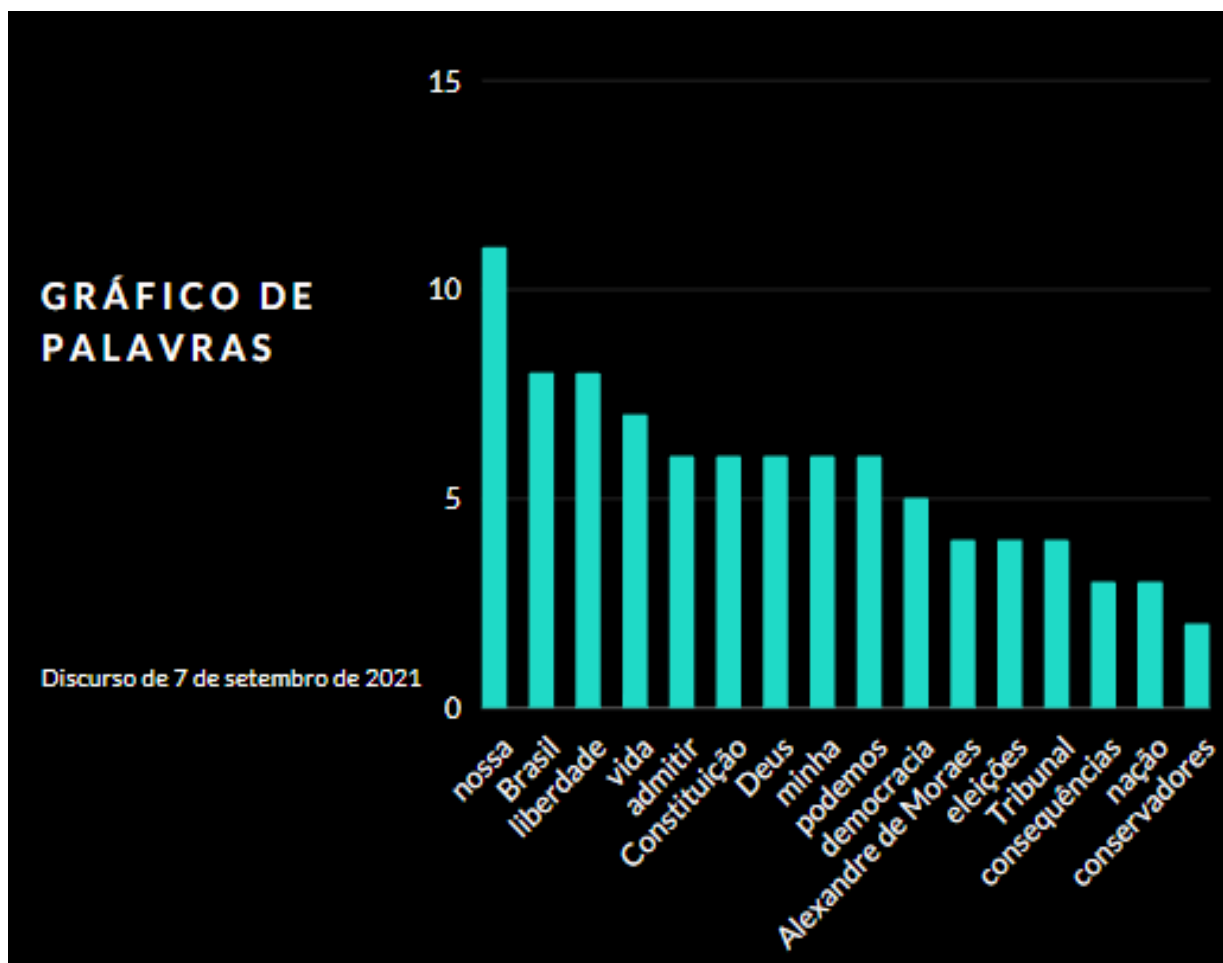
Dois anos depois, o cenário é outro. A pandemia de COVID-19 alterou a lógica do governo Bolsonaro, que alternou entre momentos de radicalização e de suavização. O ápice dessa radicalização pode ser pensado como o 07 de setembro de 2021. Uma data na qual, aproveitando-se do ambiente pró-nacionalismo criado pela efeméride, Bolsonaro proferiu um discurso explicitamente autoritário e sinalizando uma ruptura. Segue abaixo a nuvem e o gráfico de palavras:

Figura 3 - Nuvem de palavras sobre o discurso de 7 de setembro de 2021



Fonte: Elaborado pelo autor, com base no discurso de 7 de setembro de 2021 e por meio do *software WordClouds*.

Figura 4 - Tabela de palavras do discurso de 7 de setembro de 2021



Fonte: Elaborado pelo autor, com base no discurso de 7 de setembro de 2021 e por meio do *software* WordClouds.

Para começar, Bolsonaro, após fazer um elogio a São Paulo, declara, em referência ao isolamento social como mecanismo de defesa contra a pandemia, que é preciso lutar para alterar o panorama. Com constantes homenagens a Deus, agradece a ele por ter chegado à presidência e, através dela, receber o poder necessário para alterar o paradigma corrompido legado pela esquerda (Bolsonaro 2021). Mas lembra: Deus apoia a mudança, mas ela precisa chegar através de si, de seu messianismo: “Hoje, nós temos um presidente da República que acredita em Deus, que respeita os seus militares, que defende a família e deve lealdade ao seu povo” (Bolsonaro 2021).

Um *meme* veiculado nas redes sociais exemplifica essa aura messiânica da qual Bolsonaro lançou mão. Nele, o personagem Charlie Brown, das histórias em quadrinhos *Peanuts*, afirma que apoia Bolsonaro porque “todo sistema corrupto é contra ele”. Na prática, isso casa com o discurso bolsonarista de se colocar como *outsider*, mesmo com décadas dentro da lógica política. Com habilidade, Bolsonaro conseguiu a proeza de se colocar como elemento fora de um sistema político do qual ele próprio participou durante trinta anos. Um *outsider insider*, uma contradição que, longe de enfraquecê-lo, apenas o fortaleceu. Seu posterior enfraquecimento político e a necessidade de

negociar com os componentes mais infaustos desse sistema — o Centrão, por exemplo —, embora tenha assegurado a sua sobrevivência quando suas mobilizações e ameaças começaram a falhar, por outro o afastou de parcela de seu eleitorado que de fato acreditava que o ex-presidente conseguiria romper com o que identificam como o tal “sistema corrupto”. Posição messiânica que se mostrou essencial em sua cooptação de grupos minoritários.

Figura 5 - Meme dos *Peanuts*



Fonte: SOMOS TODOS BOLSONARO, 2022

Mais uma vez, Bolsonaro repete o seu versículo de cabeceira ao sugerir que o Bolsonarismo imprimiu a verdade sobre o mundo corrompido da esquerda. É preciso conhecer a destruição promovida pelos comunistas, sua infiltração nas trincheiras sociais, para se libertar. Saber é poder, e, nesse caso, não conhecer a dominação comunista levaria a nação brasileira à destruição. Mais do que isso: o vírus explicitou não apenas o onipresente comunismo, mas também seu conluio com as elites oligárquicas regionais representadas por “alguns governadores” (Bolsonaro 2021). As iniciativas tomadas por alguns governadores contra os efeitos do vírus não foram tentativas de agir frente à inação do Executivo federal, mas “um regime ditatorial” (Bolsonaro 2021). Ainda que flerte e fale abertamente em ruptura neste discurso, Bolsonaro acusa os governadores de mostrarem à população, através de incentivos ao distanciamento social e a procura por vacinas, o que é uma

ditadura. Na prática, bem como o foi na Ditadura, esse formato de discurso legitima o seu próprio autoritarismo, que recebe uma maquiagem de autodefesa. Afinal, é um autoritarismo para evitar o autoritarismo dos demais.

Em outro aceno ao fundamentalismo religioso que também marca o seu discurso, afirma que as medidas de distanciamento social foram um ataque à fé dos brasileiros. Sua preocupação, ao menos neste discurso, gira mais em torno dos efeitos do distanciamento sobre “templos e igrejas para sua orientação” do que sobre a economia. Segundo ele, ao promover uma tentativa de controle ao vírus, os estados da federação impuseram medidas inconstitucionais que cerceavam o direito à liberdade, em particular o de fluxo de pessoas. Em tom de ameaça, Bolsonaro sugere que “agora chegou o momento de nós dizermos a essas pessoas que abusam da força do poder para nos subjugar, dizer a esses poucos que agora tudo vai ser diferente” (Bolsonaro 2021). Em suma, e novamente corrompendo a ideia de liberdade como valor sacralizado acima de todos os demais, Bolsonaro incorre a uma paradoxal defesa, no plano do discurso, do autoritarismo para proteger a liberdade absoluta.

Bolsonaro deforma o conceito de liberdade ao tomá-lo como sinônimo de permissividade absoluta, ignorando que a Constituição existe justamente para coibir e controlar a autonomia infinita que levaria a um estado de natureza *hobbesiano*. Ao fazer isso, contradiz não apenas sua autoafirmação como “conservador”, afinal, toda a construção do argumento *burkeano* se baseia justamente em criticar a ideia de “liberdade” como valor fulcral; mas também como “liberal”, vale lembrar a defesa de John Stuart Mill (2017, 58) de que a liberdade deve ser limitada para poder existir. Aproxima-se, por esse mesmo motivo, do libertarianismo que coloca o valor abstrato da liberdade como sol em torno do qual todo o resto gira. Nesse sentido, a liberdade de expressão deveria ser, para Bolsonaro, irrestrita; o que inclui, naturalmente, expressões racistas, antissemitas ou mesmo de cunho nazista, como a de Roberto Alvim (Góes, Aragão e Soares 2020) ou Roberto Jefferson (Saconi), este último a quem chama de “presos políticos” (Bolsonaro 2021). Basicamente, Bolsonaro se apropria da ideia de liberdade para protestar contra o que enxerga como limites e freios ao seu projeto autoritário.

Se os governadores recebem uma piscadela, logo, o alvo dos principais ataques desse discurso se faz claro: o Supremo Tribunal Federal (STF). Instituição que tem reagido com maior frequência aos arroubos autoritários de Bolsonaro (após o pacto Bolsonarista com o presidente da Câmara baixa), o STF, em particular na figura do ministro Alexandre de Moraes, aparece como personificação do autoritarismo e ativismo judicial — aspecto que não o incomodava quando seu ministro era Sérgio Moro. A ameaça não poderia ser mais clara, sem quaisquer preocupações com o

decoro de seu cargo: “Ou esse ministro se enquadra ou ele pede para sair. [...] Sai, Alexandre de Moraes. Deixa de ser canalha” (Bolsonaro 2021). Em suma: ou o STF se rende à lógica do autoritarismo bolsonarista, ou ele sofrerá as consequências.

Como Coutinho (2002), ao dizer que existe, no Brasil, “conservadorafobia”, Bolsonaro estabelece que “conservadores” são perseguidos no Brasil, pois são aqueles que pensam na nação. Um fenômeno antigo, que se repete. O primeiro passo para mudá-lo, além da interferência no Supremo e nos estados, é o voto impresso. Suas críticas repetitivas ao sistema eleitoral brasileiro visam se antecipar a uma possível derrota nas eleições de 2022. Afinal, colocar em xeque o resultado eleitoral é um dos primeiros passos da cartilha autoritária, ao incutir dúvidas acerca da legitimidade do processo e da vitória do opositor. Como deixa claro: “só Deus me tira de lá. E aqueles que pensam que com uma caneta podem me tirar da presidência, digo uma coisa para todos: nós temos 3 alternativas, em especial para mim, preso, morto ou com vitória” (Bolsonaro 2021).

Nota-se que o discurso de 07 de setembro de 2021 intensifica o autoritarismo e as ameaças de ruptura em relação aos materiais anteriores — ainda que estes já tivessem traços evidentes de autoritarismo. A intimidação é aberta, sem subterfúgios, exceto a deformação da ideia de liberdade. Assim, essas foram as características apreendidas sobre o discurso:

Tabela 2 - Tabela de características do discurso de 7 de setembro de 2021

Discurso de 07 de setembro de 2021	
<i>Conceito</i>	Característica
<i>Autoritarismo</i>	Belicismo Messianismo sacrificial Crítica ao sistema eleitoral brasileiro como mecanismo de se colocar contra uma possível derrota Ameaça os freios contra o seu projeto autoritário Ameaça explícita ao Supremo Ou o STF se rende ao Bolsonarismo, ou vai sofrer as consequências É preciso autoritarismo para defender a liberdade como valor único e absoluto Acusa governadores de autoritarismo, ainda que fale abertamente em ruptura
<i>Fundamentalismo cristão</i>	O Messias foi escolhido por Deus para libertar a nação
<i>Nacionalismo</i>	Repetidas menções às cores da bandeira ou às Forças Armadas “Brasil acima de tudo”
<i>Reacionarismo</i>	Ambiente degenerado e tomado pelas forças ocultas da esquerda “Conservadorafobia”

	Família como pilar da nação Conspiracionismo paranoico
--	-----------------------------------------------------------

Fonte: Elaborado pelo autor, com base no discurso de 7 de setembro de 2021.

Para resumir e sistematizar as ideias presentes em alguns materiais do Bolsonarismo, este artigo encerra com as tabelas abaixo contendo as principais características e traços encontrados:

Tabela 3 - Aparição dos principais conceitos simultâneos do fascismo em materiais bolsonaristas

Conceito	<i>A revolução gramscista do Ocidente</i>	<i>Trump e o Ocidente</i>	<i>Projeto fênix</i>	Discurso da ONU	Discurso de 7 de setembro de 2021
Autoritarismo	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto
Nacionalismo	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto
Reacionarismo	Alto	Alto	Alto	Alto	Alto

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado nos materiais discursivos de Bolsonaro.

Tabela 4 - Tabela ampliada com principais características dos materiais

Características	<i>A revolução gramscista do Ocidente</i>	<i>Trump e o Ocidente</i>	<i>Projeto fênix</i>	Discurso da ONU	Discurso de 7 de setembro de 2021
Autoritarismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Liberalismo	Ambíguo (paradoxal)	Ambíguo (paradoxal)	Ambíguo (paradoxal)	Forte	Médio
Libertarianismo	Fraco	Médio	Forte	Forte	Forte
Reacionarismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Nacionalismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Belicismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Anticomunismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Maniqueísmo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Fundamentalismo cristão	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Antielitismo	Fraco	Forte	Forte	Forte	Forte
Tanatofilia	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Messianismo	Fraco	Forte	Forte	Forte	Forte
Revisionismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Conspiracionismo paranoico	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Desumanização de inimigos objetivos	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Retórica da perversidade	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Retórica da futilidade	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Retórica da ameaça	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Antiliberalismo	Médio	Forte	Médio	Médio	Médio
Antipolítica	Médio	Forte	Forte	Forte	Forte
Anticosmopolitismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Machismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Forte
Anticosmopolitismo	Forte	Forte	Forte	Fraco	Forte
Racismo/islamofobia	Médio	Forte	Médio	Médio	Fraco

Anti-intelectualismo	Forte	Forte	Forte	Forte	Médio
----------------------	-------	-------	-------	-------	-------

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado nos materiais discursivos de Bolsonaro.

Bolsonarismo em 2019 e em 2021: choques iniciais e auge das tensões

Dado o foco e escopo deste trabalho, não foi possível entrar em detalhes sobre a questão das redes sociais, mas é preciso aventá-las ao menos de passagem na conclusão. Um *meme*, veiculado no *fórum* Reddit e reproduzido abaixo, traz um homem, em 2009, otimista com o dinamismo e praticidade promovidos pelas redes sociais. Há um corte temporal para o mesmo homem uma década depois: seu otimismo deu lugar a um pessimismo fatalista. O sonho do progresso deu lugar a um estado de natureza digital, um espaço no qual as tentativas de suprimir notícias falsas e discursos de ódio se mostram insuficientes para dar conta da velocidade com que surgem⁵. Uma nova mídia que fomenta a extrema-direita e o autoritarismo por todo o mundo, rapidamente solapando as pretensões otimistas que a inundaram em seu início. Dizia-se que as redes sociais, com a Primavera Árabe, fomentariam a democracia direta e a participação popular.

Figura 6 - Meme sobre a mudança de perspectiva sobre as redes sociais

⁵ Para efeito de exemplo, uma matéria do Globo (Palacios, 2018) traz dados que mostram um aumento na quantidade de linchamentos mobilizados através do digital, que tendem a ser baseadas em rumores e notícias falsas. A matéria traz como exemplo o linchamento de dois irmãos pesquisadores no México, confundidos com sequestradores de uma criança que sequer existia. É preciso ressaltar o óbvio: as redes sociais não inauguraram a violência ou o autoritarismo — “Uma pesquisa do Barômetro de las Américas feita em 2016 indicou que na América Latina os linchamentos contam com a aprovação de 32,1% da população — o índice no Brasil é de 23,5%” (Palacios, 2018) —, mas possuem potencial de disseminá-los e intensificá-los por meio de mecanismos sociais como câmaras de eco, na qual crenças são ampliadas por filtros e algoritmos. Sobre esse ponto, dados do Latin American Public Opinion Project (Lapop) sobre o Bolsonarismo são reveladores: “Dentre os usuários assíduos do WhatsApp, 60% dos entrevistados pelo Lapop [...] em 2019 declararam voto em Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. No grupo daqueles que declararam se informar sobre política por meio das mídias tradicionais, a adesão à candidatura de Bolsonaro foi consideravelmente menor, apenas 49%. Não surpreende, portanto, que a avaliação do governo Bolsonaro seja melhor no Brasil do WhatsApp. Também na pesquisa de 2019 do Lapop, Bolsonaro fazia um governo ótimo ou bom para 57% dos brasileiros que consumiam conteúdo político pelo aplicativo. Esse número era menor, 48%, entre os seguidores das mídias tradicionais” (Araújo, 2021).



Fonte: REDDIT (2019).

Sem adentrar o discurso apocalíptico do *meme*, o fato é que as redes sociais alimentaram uma nova dinâmica que favoreceu a disseminação da extrema-direita. Uma nova modalidade de massas, verdadeiras hordas digitais em que o humano se mescla com o autômato em fronteiras indefinidas. Esta característica, externa, é possivelmente a maior diferença do Bolsonarismo em relação ao Fascismo e ao Integralismo. Sozinha, porém, é insuficiente para cravar que o Bolsonarismo não é um formato de fascismo. As redes sociais são uma modernização dos meios, não dos fins ou mesmo do discurso. Ademais, as estratégias midiáticas dos líderes de extrema-direita não recaem apenas sobre os novos meios. Além de mídias alternativas que compartilham materiais falsos, distorcidos ou deformados, como os exemplos do Breitbart News ou do Terça Livre, também desenvolvem formas de ocupar a mídia tradicional. Se não possuem tempo extenso na mídia, como era o caso de Bolsonaro em 2018, lançam mão de polêmicas incessantes, por vezes exageradas, para suprir esse vácuo. Levitsky e Ziblatt (2018, 63-64) notaram que “Trump também descobriu novas maneiras de usar a velha mídia como um substituto dos endossos do

partido e das despesas tradicionais de campanha”, dado que “atraía coberturas gratuitas da mídia convencional criando controvérsias” (Levitsky e Ziblatt 2018, 63-64). Destacam que veículos tradicionais da mídia estadunidense, como CNN e NBC, foram capturadas pela estratégia trumpista e destacaram o candidato republicano com duas vezes mais frequência do que sua adversária democrata. Um aspecto particularmente curioso da intensificação desse fenômeno é a participação e influência progressivamente acentuada de nações estrangeiras sobre processos eleitorais. Se o Fascismo e o Integralismo não apenas foram influenciados por movimentos estrangeiros, mas mesmo financiados, a globalização e a era digital parecem ter, uma vez mais, intensificado esse fenômeno. Ainda que se afirmem nacionalistas e antiglobalistas, a participação estrangeira nesses movimentos se torna imprescindível. Sem entrar a fundo na complexa relação de Donald Trump com a Rússia, e, para além dela, a empresa *Cambridge Analytica* foi acusada de oferecer contratos para atuar sobre eleições em todo o planeta através do uso de dados não autorizados do *Facebook*.

Em nome de uma “cooperação conservadora e nacionalista global”, batizada de *The Movement*, o Bolsonarismo se aproximou do articulista trumpista Steve Bannon, fundador do *Breitbart News* (Pires 2020). Eduardo Bolsonaro foi nomeado “embaixador” do *The Movement* na América do Sul. De forma semelhante, uma “quantidade significativa de *fake news*” (Bakir e Mcstay 2018, 5, tradução nossa) durante as eleições de 2016 nos Estados Unidos foram rastreados como originais de regiões da Macedônia do Norte, promovidas por universitários de Tecnologia da Informação interessados em transformar cliques em euros. Eles haviam até também testado com conteúdos de esquerda ou centro, que simplesmente tiveram “desempenho inferior em comparação ao conteúdo pró-Trump no *Facebook*” (Bakir e Mcstay 2018, 5, tradução nossa). Esses pontos evidenciam que há pouco de novo na extrema-direita autoritária ao redor do mundo. Novamente: os meios se atualizaram, mas poucas foram as mudanças em relação aos fins e aos discursos. Tanto o Fascismo quanto o Integralismo e o Bolsonarismo demonstram em materiais amplas manifestações de reacionarismo — expresso principalmente no desejo de destruir para reconstruir —, autoritarismo — explícito no messianismo e no desejo de um líder forte no comando da nação — e nacionalismo — o grande sol ao redor do qual tudo gira. Ademais, os três possuem base de massas e, ainda que com diferenças, diversas características em comum. Os quadros abaixo, compilados das características apreendidas em diversos materiais analisados de cada movimento, ilustram as proximidades e diferenças:

Tabela 5 - Aparições de características do fascismo em cada movimento

<i>Principais características dos fascismos</i>	Fascismo	Integralismo	Bolsonarismo
<i>Anti-intelectualismo</i>	Forte	Ambíguo	Forte
<i>Anticomunismo</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Anticosmopolitismo</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Antielitismo</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Antiliberalismo</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Antipolítica</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Antissemitismo</i>	Médio	Médio	Médio
<i>Argumentum ad populum</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Autoritarismo</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Belicismo</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Conspiracionismo paranoico</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Corporativismo/"conciliação de classes"</i>	Forte	Forte	Ausente
<i>Desumanização de inimigos objetivos</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Fundamentalismo cristão</i>	Fraco	Forte	Forte
<i>Imperialismo/"luta de nações"</i>	Forte	Ambíguo	Ambíguo
<i>Liberalismo econômico</i>	Ambíguo	Ambíguo	Forte
<i>Libertarianismo</i>	Ausente	Ausente	Forte
<i>Louvor ao Estado</i>	Forte	Forte	Ambíguo
<i>Machismo</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Maniqueísmo</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Messianismo</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Nacionalismo</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Racismo</i>	Forte	Ambíguo	Forte
<i>Reacionarismo</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Retórica da ameaça</i>	Forte	Forte	Forte

<i>Retórica da futilidade</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Retórica da perversidade</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Revisionismo</i>	Forte	Forte	Forte
<i>Tanatofilia</i>	Forte	Forte	Forte

Fonte: Elaborado pelo autor

O fascismo não morreu com Mussolini. Dê-se o nome que quiser; o fato é que Mussolini rotulou um novo método de se fazer política que permaneceu mesmo após a dissolução do Fascismo. Se há diferenças, as semelhanças são mais significativas. E, mais importante, a essência permanece a mesma. Então, encerra-se com a constatação de que tanto o Integralismo quanto o Bolsonarismo são, sim, formatos brasileiros de fascismos. E, ainda que esses dois sumam, outros surgirão. Podem não ir além do primeiro ou segundo estágio de Paxton (1998); talvez o Brasil nunca mais experimente um movimento análogo com magnitude e força do Bolsonarismo, mas é praticamente inevitável que novos fascismos surjam no futuro. Como a figura mítica do *doppelgänger*, o duplo que surge do “Eu” para eliminá-lo, o fascismo espreita como uma inevitabilidade das democracias liberais e de massa contemporâneas. É imprescindível, portanto, compreendê-lo. E lembrar, ao contrário do título do livro de Sinclair Lewis, *Não vai acontecer aqui*, que pode, sim, acontecer aqui.

Referências Bibliográficas

Alvarenga, Darlan; Silveira, Daniel. Desemprego mantém recorde de 14,7% e atinge 14,8 milhões de brasileiros no trimestre encerrado em abril. *GI*. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/06/30/desemprego-fica-em-147percent-no-trimestre-terminado-em-abril-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 13 dez. 2021.

Araújo, Ernesto. Trump e o Ocidente. *Cadernos de Política Exterior*, n. 06, 2017. Disponível em: <https://funag.gov.br/loja/download/CADERNOS-DO-IPRI-N-6.pdf>. Acesso em: 20 set. 2021.

Araújo, Victor. Era das fake news: o Brasil real e o Brasil do WhatsApp. *Nexo*. Disponível em: https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2021/Era-das-fake-news-o-Brasil-real-e-o-Brasil-do-WhatsApp?utm_medium=Email&utm_campaign=NLDurmaComEssa&utm_source=nexoassinantes. Acesso em: 24 dez. 2021.

Bakir, Vian; Mcstay, Andre. Fake news and the economy of emotions: problems, causes, solutions. *Digital Journalism*, 6 (2): 1-22. DOI: 10.1080/21670811.2017.1345645.

Bolsonaro, Jair. *Projeto Fênix*. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/wp-content/uploads/2018/10/plano-de-governo-jair-bolsonaro.pdf>. Acesso em: 01 mai. 2021.

Bolsonaro, Jair. Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU. *Agência Brasil EBC*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-assembly-geral-da-onu>. Acesso em: 20 set. 2021.

Bolsonaro, Jair. Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro no ato de 7 de Setembro em São Paulo. *Poder 360*. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-no-ato-de-7-de-setembro-em-sao-paulo/>. Acesso em: 20 set. 2021.

Coutinho, Sérgio de Avellar. 2002. *A revolução gramscista no Ocidente: a concepção revolucionária de Antonio Gramsci em os Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Estandarte Editora E.C. Ltda.

Finchelstein, Federico. 2020. *Uma breve história das mentiras fascistas*. São Paulo: Vestígio.

Foucault, Michel. 1979. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

G1. *Brasil tem aumento de 5% nos assassinatos em 2020, ano marcado pela pandemia do novo coronavírus; alta é puxada pela região Nordeste*. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2021/02/12/brasil-tem-aumento-de-5percent-nos-assassinatos-em-2020-ano-marcado-pela-pandemia-do-novo-coronavirus-alta-e-puxada-pela-regiao-nordeste.ghtml>. Acesso em: 13 dez. 2021.

G1. *50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha*. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 14 dez. 2021.

Garcia, Rafael; Gonçalves, Eduardo. Amazônia tem 13.235 km² de desmatamento, pior taxa em 15 anos. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/amazonia-tem-13235-km-de-desmatamento-pior-taxa-em-15-anos-25282439>. Acesso em: 14 dez. 2021.

Geiselberger, Heinrich (org.). 2019. *A grande regressão*. São Paulo: Estação Liberdade.

Góes, Bruno; Aragão, Helena; Soares, Jussara. Roberto Alvim copia discurso nazista de Joseph Goebbels e causa onda de indignação. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/roberto-alvim-copia-discurso-do-nazista-joseph-goebbels-causa-onda-de-indignacao-24195523>. Acesso em: 31 jan. 2021.

Hayek, Friedrich. 2010. *O caminho da servidão*. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil.

Hirschman, Albert. 2019. *A retórica da intransigência: perversidade, futilidade e ameaça*. São Paulo: Companhia das Letras.

Levitsky, Steven; Ziblatt, Daniel. 2018. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lewis, Sinclair. 2017. *Não vai acontecer aqui*. Rio de Janeiro: Alfaguara.

Magenta, Matheus. G20: isolado, Bolsonaro tem agenda esvaziada e é ironizado pela imprensa italiana. *BBC*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59106310>. Acesso em: 13 dez. 2021.

Magri, Diogo. Ysani Kalapalo, a youtuber indígena que Bolsonaro exibiu na ONU. *El País*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/24/politica/1569341524_455504.html. Acesso em: 14 dez. 2021.

MILL, John Stuart. 2017. *Sobre a liberdade / A sujeição das mulheres*. São Paulo: Companhia das Letras.

Mussolini, Benito. 2006. *My autobiography: with "The political and social doctrine of Fascism"*. New York: Dover Publications.

Orwell, George. 2009. *1984*. São Paulo: Companhia das Letras.

Palacios, Ariel. Crescem na América Latina os linchamentos organizados pelas redes sociais. *O Globo*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/crescem-na-america-latina-os-linchamentos-organizados-pelas-redes-sociais-23242122>. Acesso em: 24 dez. 2021.

Paxton, Robert. 1998. The five stages of fascism. *The Journal of Modern History*. Chicago: Chicago University Press, 70 (01): 01-23. <https://doi.org/10.1086/235001>.

Pires, Breiller. Os laços do clã Bolsonaro com Steve Bannon. *El País*. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-20/os-lacos-do-cla-bolsonaro-com-steve-bannon.html>. Acesso em: 24 dez. 2021.

Rocha, João Cezar de Castro. 2021. *Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos.

Saconi, João Paulo. Instagram exclui publicação de Roberto Jefferson após acusação de preconceito contra judeus. *O Globo*. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/instagram-exclui-publicacao-de-roberto-jefferson-apos-acusacao-de-preconceito-contra-judeus.html>. Acesso em: 09 mar. 2022.

Somos todos Bolsonaro. Publicação de 18 ago. 2022. Disponível em: <https://www.facebook.com/SomostodosJairMessiasBolsonaro/photos/a.433920920272866/2185124471819160/?type=3>. Acesso em: 11 jun. 2023.

Stendhal. 2010. *O vermelho e o negro*. São Paulo: Cosac & Naify.

Uol. *Após Bolsonaro, Guedes também ofende Brigitte Macron: “é feia mesmo”*. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/05/apos-bolsonaro-guedes-tambem-ofende-brigitte-macron-e-feia-mesmo.htm>. Acesso em: 14 dez. 2021.